

IESS

INSTITUTO DE ESTUDOS
DE SAÚDE SUPLEMENTAR

ESTUDO ESPECIAL

ANÁLISE DO PAINEL ECONÔMICO-
FINANCEIRO DA SAÚDE SUPLEMENTAR
ELABORADO EM: JUNHO DE 2026

Resultados Econômico- Financeiros das Operadoras Médico-Hospitalares no 1º Trimestre de 2026: uma análise em valores reais

AUTOR: **BRUNO MINAMI**

REVISÃO: **JOSÉ CECHIN E NATALIA LARA**

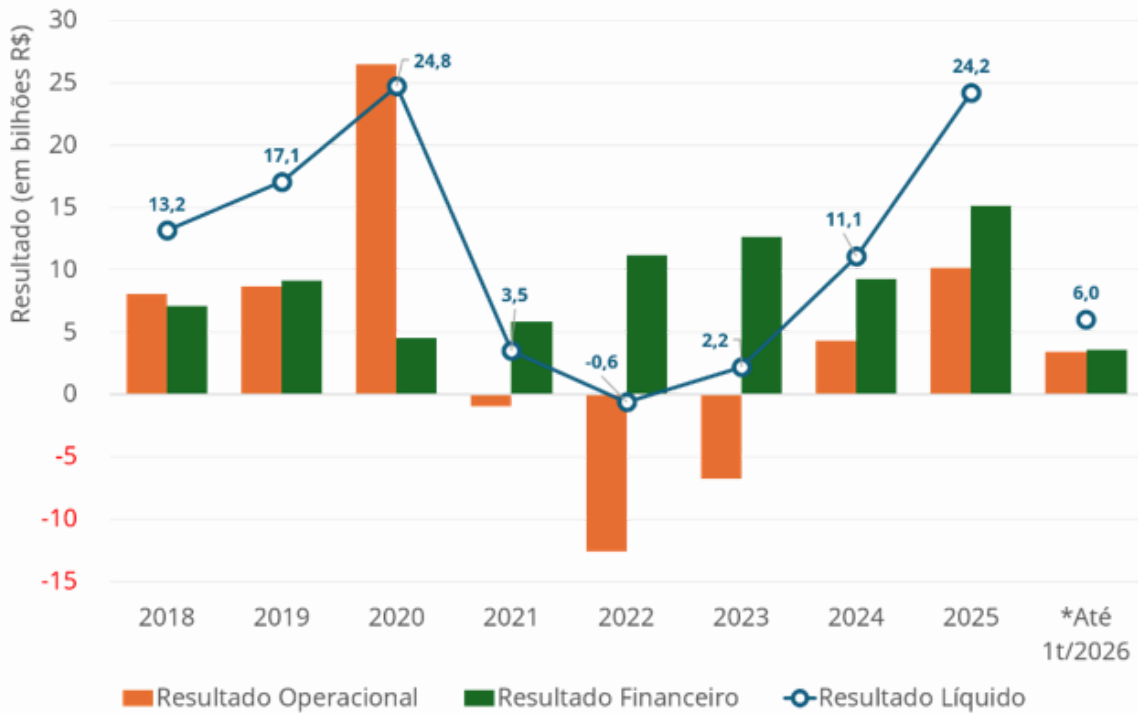
SUPERINTENDENTE EXECUTIVO: **DENIZAR VIANNA**



- O resultado líquido das operadoras médico-hospitalares foi de R\$ 6,0 bilhões no primeiro trimestre de 2026 em valores reais, o segundo melhor primeiro trimestre da série, com margem líquida de 6,1% e 78,3% das operadoras com resultado positivo (Gráfico 1).
- O recuo em relação ao primeiro trimestre de 2025 foi de 16,3% em termos reais. O resultado operacional teve queda de 26,5%.
- As aplicações financeiras totalizaram R\$ 140,5 bilhões, o maior estoque real da série, com crescimento de 75% em relação ao 1º trimestre de 2018. As grandes operadoras concentram 72,2% desse estoque, ante 54,2% em 2018; as médias são o único grupo com estoque real inferior ao de 2018.
- A sinistralidade de 81,0% no primeiro trimestre de 2026 é o segundo menor nível em um primeiro trimestre desde 2020, superada apenas pelo primeiro trimestre de 2025 (79,2%). A tendência de alta, que se estende desde 2001, não foi revertida.
- A desagregação por porte revela dinâmicas opostas no primeiro trimestre de 2026: as grandes operadoras registraram aumento de 2,6 pontos percentuais na sinistralidade em relação ao primeiro trimestre de 2025, enquanto as pequenas recuaram 4,5 pontos percentuais, atingindo seu mínimo histórico de 75,1%.
- No primeiro trimestre de 2026, 502 operadoras encerraram o trimestre com resultado líquido positivo (78%) e 139 com resultado negativo (22%).
- A sustentação dos resultados nos próximos períodos dependerá tanto do desempenho operacional quanto da trajetória da Selic: se o ciclo de cortes for interrompido, o resultado financeiro se sustenta; se retomar com mais intensidade, pode haver impacto sobre o lucro setorial.

GRÁFICO 01

Resultados acumulados no ano (em bilhões de R\$ e valores reais) das operadoras de assistência médico-hospitalar. Brasil, 2018 ao 1º trimestre de 2026.



Fonte: ANS - Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Dados extraídos pelo IESS em junho de 2026. Para 2026, apenas o primeiro trimestre está disponível.

INTRODUÇÃO

O setor de saúde suplementar brasileiro reúne, no primeiro trimestre de 2026, cerca de 52,9 milhões de beneficiários de planos médico-hospitalares [1] e movimentou receitas trimestrais superiores a R\$ 99 bilhões. Trata-se de um setor estruturado em torno de cinco modalidades de operadoras com perfis financeiros, populações atendidas e modelos de gestão distintos.

Em 9 de junho de 2026, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) divulgou os dados econômico-financeiros referentes ao primeiro trimestre de 2026 [2]. Este estudo especial retoma a abordagem metodológica do Texto de Discussão nº 120 publicado pelo IESS em março de 2026 [3], com foco exclusivo nas operadoras médico-hospitalares e decomposição entre resultado operacional e financeiro, e incorpora a desagregação da sinistralidade por porte e a evolução das aplicações financeiras.

O contexto macroeconômico é relevante para a leitura dos resultados. A taxa Selic encerrou o primeiro trimestre de 2026 em 14,75% ao ano e foi reduzida para 14,50% ao ano na reunião do Copom de abril de 2026 [4]. Com R\$ 140,5 bilhões em aplicações financeiras ao fim de março de 2026, o setor é diretamente sensível a essa trajetória: o resultado financeiro é o principal componente exposto à política monetária [5]. O ciclo de cortes iniciado em março de 2026 prosseguiu em ritmo gradual: na reunião de 17 de junho de 2026, o Copom reduziu a Selic para 14,25% ao ano [6], acumulando três cortes de 0,25 ponto percentual. O Comitê, contudo, manteve postura cautelosa para os passos seguintes, diante da inflação projetada para 2026 pelo Boletim Focus de junho [7] e das pressões geopolíticas associadas ao conflito no Oriente Médio. A trajetória dos juros constitui, portanto, um dos principais fatores de incerteza prospectiva para os resultados do setor.

Com apenas um trimestre disponível de 2026, a comparação é restrita ao plano trimestral. Análises anuais completas serão objeto de atualização quando disponíveis.

[1] Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/numeros-do-setor/ans-divulga-numeros-de-beneficiarios-em-abril>

[2] Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/numeros-do-setor/ans-divulga-dados-economico-financeiros-do-1deg-trimestre-de-2026>

[3] Disponível em: <https://iess.org.br/biblioteca/tds-e-estudos/textos-para-discussao/td-120-resultados-economico-financeiros-das>

[4] Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/21107/nota>

[5] Cabe ressaltar, contudo, que nem todas as aplicações financeiras do setor são compostas por ativos pós-fixados diretamente sensíveis à Selic, o que pode atenuar o impacto efetivo de variações na taxa básica sobre o resultado financeiro

[6] Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/21165/nota>

[7] Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>

BASE DE DADOS E OPÇÕES METODOLÓGICAS

Os dados utilizados neste texto foram extraídos do “Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar” da ANS, atualizado em 9 de junho de 2026. A série cobre o primeiro trimestre de 2018 ao primeiro trimestre de 2026 com frequência trimestral para os indicadores financeiros; para a sinistralidade, a cobertura foi estendida até 2001 com dados anuais, aproveitando a disponibilidade histórica do ANS Tabnet [8].

Todos os valores monetários foram deflacionados pelo IPCA/IBGE, com data-base em março de 2026. Para ilustrar o procedimento: a receita do primeiro trimestre de 2018, de R\$ 51,1 bilhões em valores correntes, equivale a R\$ 77,9 bilhões em termos reais, aplicando o índice de 1,5254 calculado pela “Calculadora do Cidadão” do Banco Central [9], o que corresponde a uma inflação acumulada de 52,5% no período. Sem essa correção, comparar receitas de 2018 com as de março de 2026 seria comparar grandezas em moedas com poderes de compra distintos. A Tabela 1 apresenta esses fatores de correção aplicados a cada trimestre da série.

Tabela 1. Índices de correção IPCA por trimestre e ano-base (base: mar/2026 = 1,0000).

	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026
março	1,5254	1,4683	1,4118	1,342	1,214	1,1497	1,1002	1,0473	1
Junho	1,5146	1,4472	1,4206	1,3147	1,1766	1,1321	1,0893	1,0343	-
Setembro	1,4922	1,4428	1,4084	1,2841	1,181	1,129	1,0831	1,0303	-
dezembro	1,4816	1,4346	1,3753	1,2419	1,1727	1,1203	1,0682	1,0226	-

Fonte: Banco Central do Brasil – Calculadora do Cidadão. Apuração realizada pelo IESS em junho de 2026.

A distinção entre resultado operacional e resultado financeiro é central para a análise desenvolvida neste texto. O resultado operacional mede o desempenho da atividade-fim das operadoras, excluindo ganhos e despesas financeiras. O resultado financeiro, gerado pelo rendimento das aplicações em renda fixa e variável, não reflete a operação de saúde e depende de variáveis exógenas ao setor. A sinistralidade completa a análise: é o percentual das receitas de mensalidades destinado ao pagamento de despesas assistenciais, como consultas, exames, terapias, internações e cirurgias, e um dos termômetros do desempenho operacional do setor.

Por fim, este texto concentra-se exclusivamente nas operadoras médico-hospitalares, excluindo planos odontológicos e administradoras de benefícios. Os dados estão sujeitos a ajustes retroativos por parte das operadoras junto à ANS.

[8] Disponível em: <https://www.ans.gov.br/anstabnet/index.htm>

[9] Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAOPUBLICO/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>

RESULTADOS

A. RESULTADO LÍQUIDO

No primeiro trimestre de 2026, as operadoras médico-hospitalares registraram resultado líquido de R\$ 6,0 bilhões, o segundo melhor primeiro trimestre da série histórica analisada, superado apenas pelo primeiro trimestre de 2025 (R\$ 7,2 bilhões).

A margem líquida [10] de 6,1% no 1º tri de 2026 supera a média de 2018 (4,1%) e 2019 (5,1%) (Tabela 2). Em termos práticos, isso significa que, para cada R\$ 100 de receita, o segmento de planos médico-hospitalares obteve aproximadamente R\$ 6,10 de lucro. Esse resultado, no entanto, deve ser interpretado com cautela: em 2025, o resultado financeiro representou 62% do resultado líquido total.

Tabela 2. Receita total e Resultado Líquido das operadoras médico-hospitalares. Valores reais em R\$ bilhões (base mar/2026, IPCA). Brasil, 2018 a março de 2026.).

ANO	RECEITA (R\$ BI)	RES. LÍQUIDO (R\$ BI)	MARGEM LÍQUIDA (%)
2018	323,2	13,2	4,1
2019	337,4	17,1	5,1
2020	334,5	24,8	7,4
2021	340,7	3,5	1
2022	313,7	-0,6	-0,2
2023	352,6	2,2	0,6
2024	371,5	11,1	3
2025	396,0	24,2	6,1
Até o 1º tri/2026*	99,0	6,0	6,1

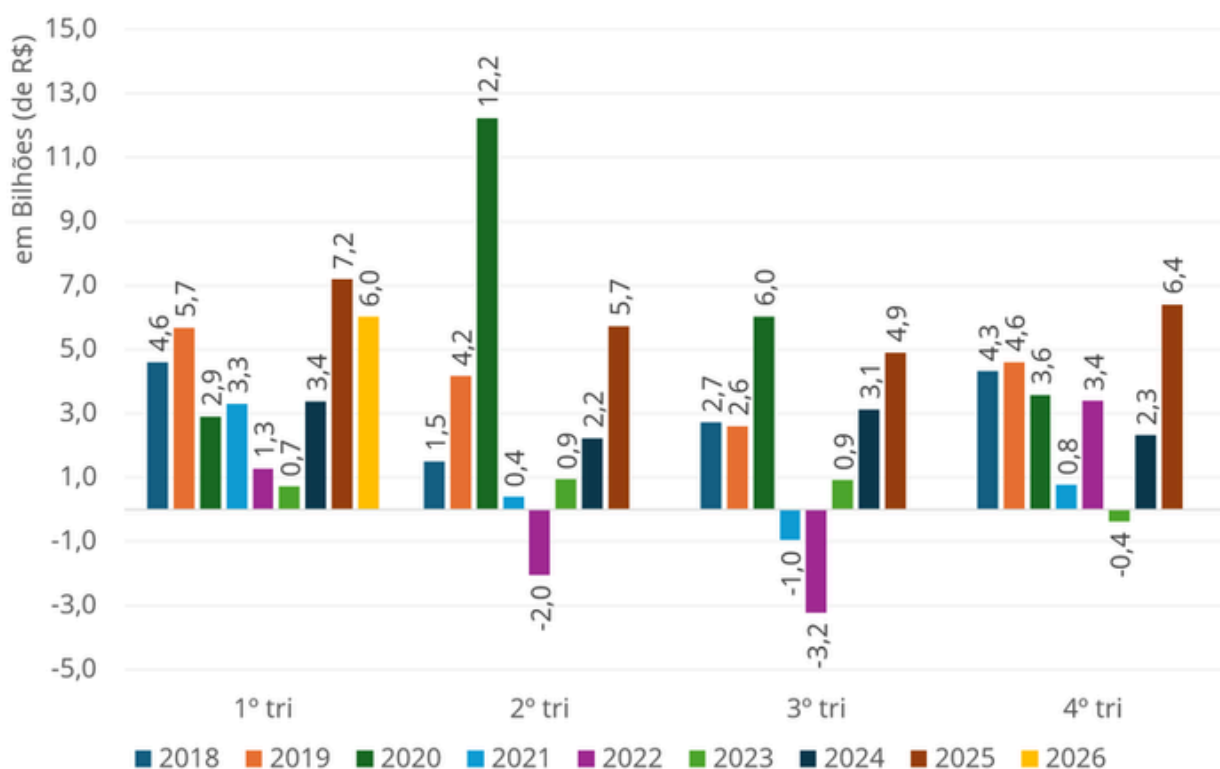
Fonte: ANS - Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Dados extraídos e elaborados pelo IESS em junho de 2026. Nota: os valores de 2020 incluem o efeito do represamento de demanda provocado pela pandemia, que reduziu as despesas assistenciais no segundo trimestre daquele ano. Para 2026, apenas o primeiro trimestre está disponível.

[10] Margem líquida calculada como razão entre o resultado líquido e a receita total do período.

O Gráfico 2 apresenta a série completa do resultado líquido trimestral em valores reais desde 2018. A visualização evidencia três fases distintas. A primeira, de 2018 a 2020, caracteriza-se por resultados positivos, com o segundo trimestre de 2020 constituindo exceção expressiva: o represamento de demanda provocado pela pandemia reduziu abruptamente as despesas assistenciais e gerou lucro de R\$ 12,2 bilhões, o maior trimestre da série. A segunda fase, de 2021 a 2023, é marcada pela reversão desse movimento. O setor absorveu a demanda represada, enfrentou inflação médica elevada e registrou resultados negativos em quatro trimestres, com o terceiro trimestre de 2022 atingindo o pior resultado da série, prejuízo de R\$ 3,2 bilhões. A terceira fase, iniciada em 2024 e consolidada em 2025, representa uma recuperação, impulsionada pela combinação de recomposição de contraprestações, controle da sinistralidade e, de forma crescente, pelo resultado financeiro favorecido pela Selic elevada.

O primeiro trimestre de 2026 insere-se nessa terceira fase, mas com sinais de moderação. O resultado líquido recuou R\$ 1,2 bilhão em relação ao primeiro trimestre de 2025 em termos reais, queda de 16,3%.

Gráfico 2. Receita total e Resultado Líquido das operadoras médico-hospitalares. Valores reais em R\$ bilhões (base mar/2026, IPCA). Brasil, 2018 a março de 2026).



Fonte: ANS - Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Dados extraídos e elaborados pelo IESS em junho de 2026.

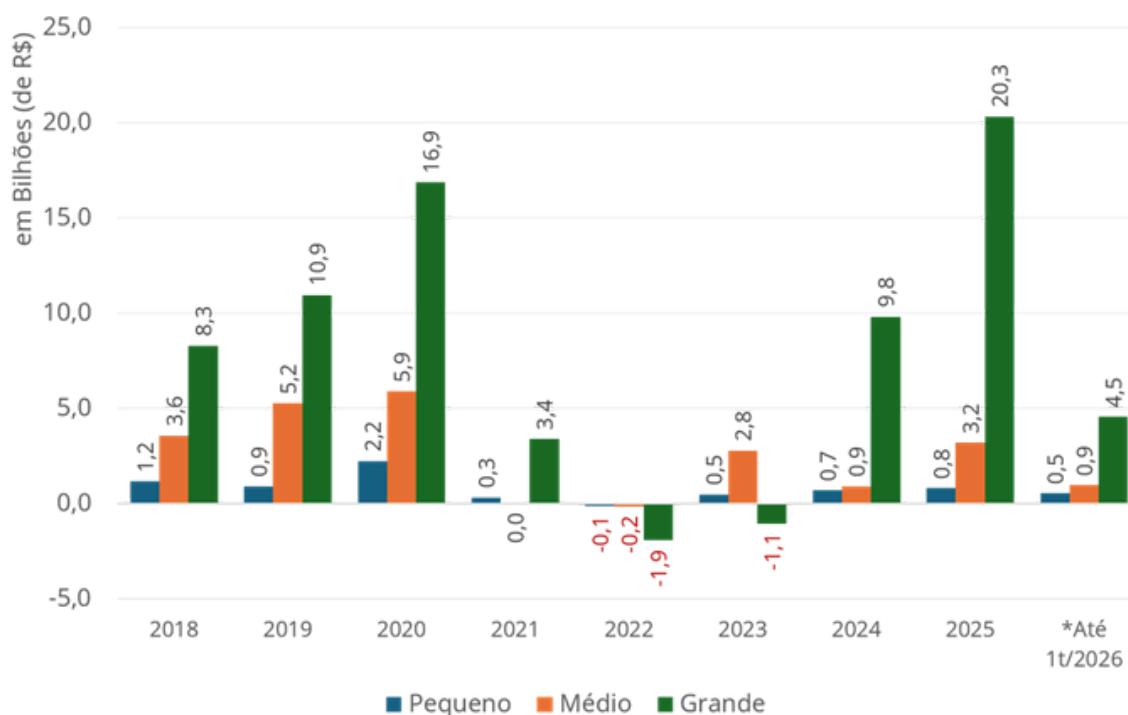
A decomposição entre resultado operacional e resultado financeiro é central para compreender a natureza desse resultado. O resultado operacional, de R\$ 3,4 bilhões, recuou 26,5% em relação ao primeiro trimestre de 2025. O resultado financeiro, de R\$ 3,6 bilhões, recuou 6,2% no mesmo período [11]. Excluindo o resultado financeiro, a margem líquida seria de 2,8% no primeiro trimestre de 2026, ante os 6,1% observados.

A.1. RESULTADO LÍQUIDO POR PORTE DE OPERADORA

O Gráfico 3 desagrega o resultado líquido anual por porte de operadora em valores reais. A decomposição revela que o desempenho agregado do setor é conduzido, de forma quase exclusiva, pelas grandes operadoras, que concentram a maior parte dos beneficiários, das receitas e, conseqüentemente, da volatilidade dos resultados.

Em 2022, as grandes operadoras registraram prejuízo de R\$ 1,9 bilhão, que combinado ao resultado negativo das médias (R\$ 160,6 milhões) e das pequenas (R\$ 137,5 milhões) explica o resultado negativo do setor naquele ano. Em 2023, mesmo com o setor voltando ao campo positivo no agregado, as grandes permaneceram no prejuízo, com R\$ 1,1 bilhão negativo. A recuperação a partir de 2024 tem nas grandes seu principal motor: o resultado de R\$ 9,8 bilhões em 2024 saltou para R\$ 20,3 bilhões em 2025. No primeiro trimestre de 2026, este resultado já foi de R\$ 4,5 bilhões.

Gráfico 3. Resultado líquido anual por porte de operadora. R\$ bilhões reais (base mar/2026, IPCA/IBGE). Brasil, 2018 ao 1º trimestre de 2026.



Fonte: ANS - Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Dados extraídos e elaborados pelo IESS em junho de 2026.

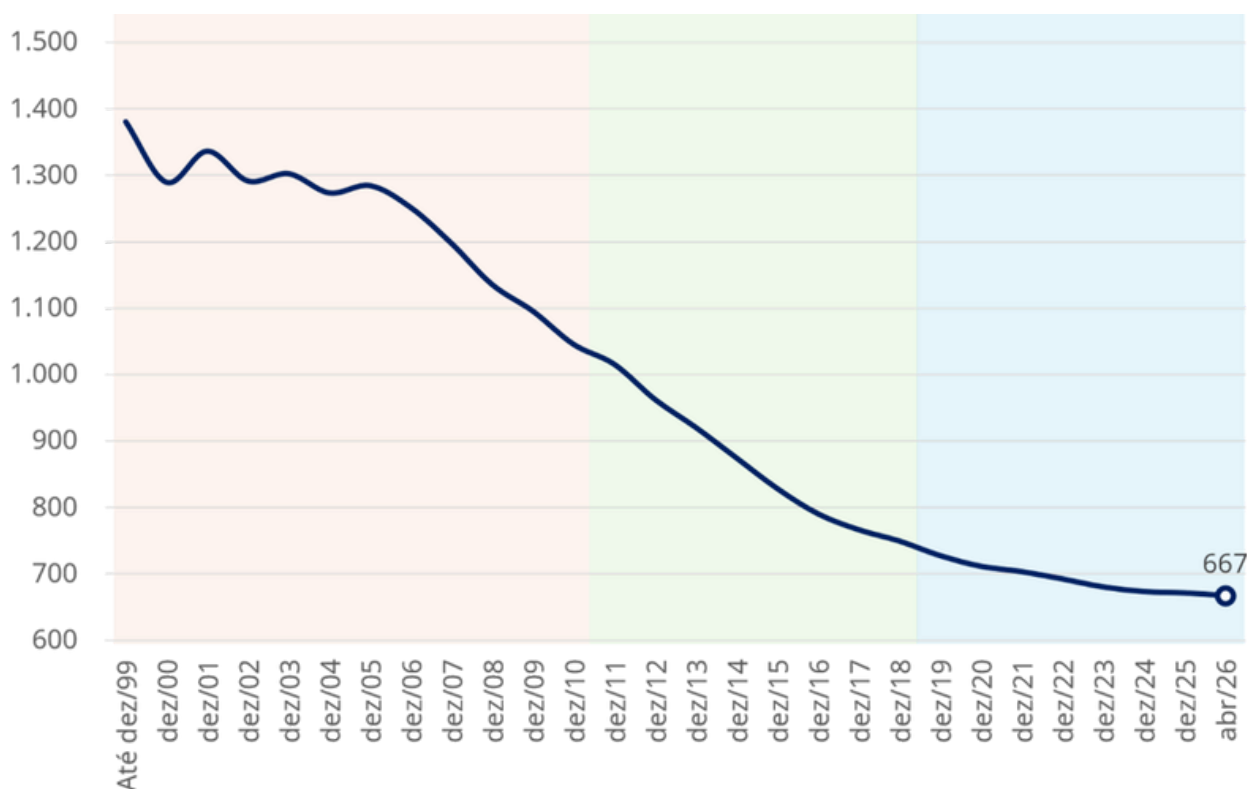
[11] A soma supera 100% porque há componentes negativos que reduzem o resultado líquido final.

As operadoras de pequeno e médio porte apresentam trajetória distinta. As pequenas mantiveram resultados positivos em praticamente toda a série, com exceção em 2022 (prejuízo de R\$ 137,5 milhões), e encerraram o primeiro trimestre de 2026 com R\$ 524,2 milhões. As médias seguiram padrão semelhante, com exceções em 2021 e 2022, e registraram R\$ 949,6 milhões no primeiro trimestre de 2026.

A.2. RESULTADO LÍQUIDO POR OPERADORA

O número de operadoras médico-hospitalares com beneficiários vem caindo de forma contínua há mais de duas décadas. De 1.380 operadoras ativas até dezembro de 1999, o setor passou para 671 em dezembro de 2025 e 667 em abril de 2026, dado mais recente disponível (Gráfico 4). Essa consolidação reflete a combinação de exigências regulatórias, fusões e aquisições, e a saída de operadoras em dificuldade financeira [12].

Gráfico 4. Número de operadoras médico-hospitalares com beneficiários. Brasil, dezembro de 1999 a abril de 2026.



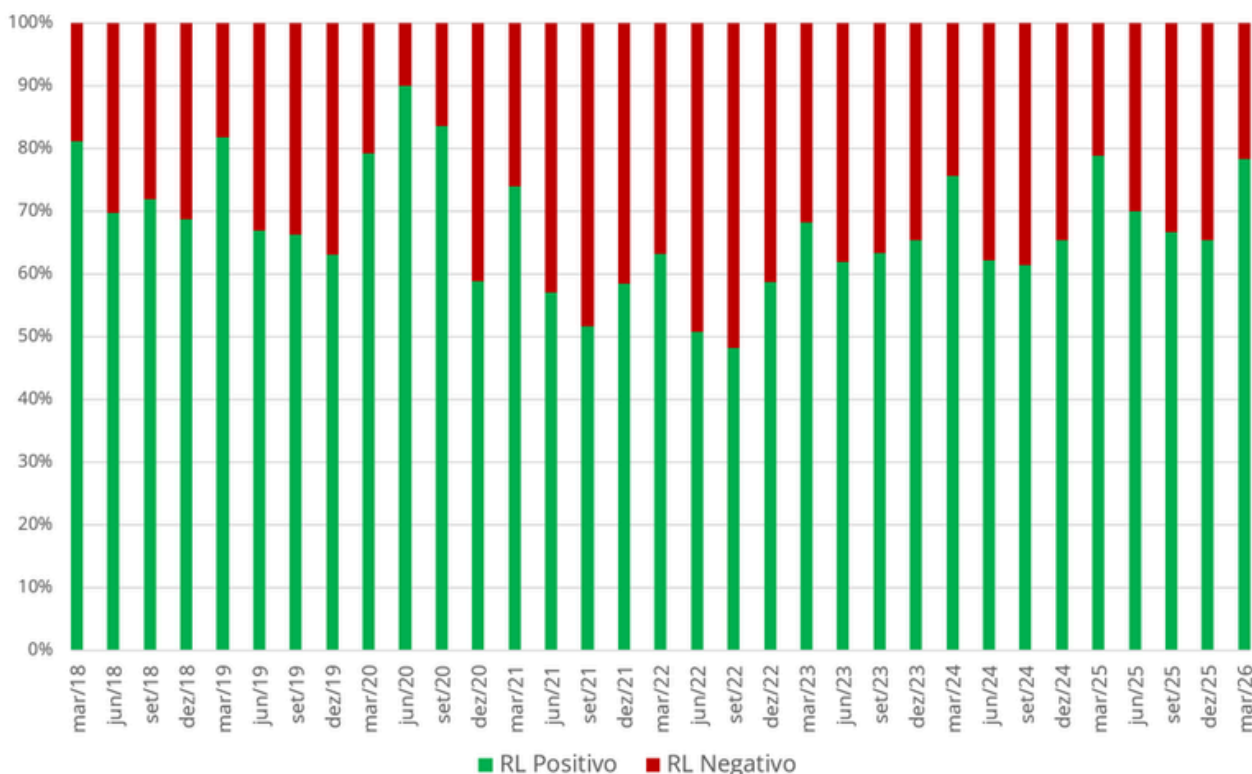
Fonte: CADOP/ANS/MS – 04/2026 e SIB/ANS/MS – 04/2026. Dados extraídos e elaborados pelo IESS em junho de 2026.

[12] Entre os fatores que poder ter contribuído para a redução do número de operadoras estão: cancelamentos de registro determinados pela ANS em razão do descumprimento de requisitos regulatórios e de garantias financeiras mínimas; fusões e aquisições; saída voluntária de operadoras em dificuldade financeira; e o encerramento de registros de operadoras que não chegaram a operar com beneficiários ativos. A série histórica disponível não permite desagregar essas causas com precisão.

No primeiro trimestre de 2026, 78,3% das operadoras encerraram o trimestre com resultado líquido positivo, patamar semelhante ao do primeiro trimestre de 2025 (78,9%) e acima da média histórica dos primeiros trimestres da série (74,0%). O melhor primeiro trimestre da série foi março de 2019, com 81,8%.

O Gráfico 5 apresenta a evolução trimestral dessa proporção desde 2018. O ponto de maior fragilidade individual foi o terceiro trimestre de 2022, quando 346 operadoras registraram prejuízo, superando pela primeira vez na série o número de operadoras lucrativas (322), cruzamento que sinaliza que a crise operacional de 2021 a 2023 não se restringia a grandes grupos, mas atingia a maioria das operadoras individualmente. O primeiro trimestre de 2026 estabiliza-se em patamar elevado, com 502 operadoras lucrativas, repetindo o desempenho do primeiro trimestre de 2025. Aproximadamente uma em cada cinco operadoras, contudo, ainda encerrou o 1º trimestre de 2026 com prejuízo.

Gráfico 5. Evolução do Percentual de Operadoras Médico-Hospitalares com Resultados Líquidos Positivos e Negativos no trimestre. Brasil, 1º tri/2018 ao 1º tri/2026.



Fonte: ANS - Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Dados extraídos pelo IESS em junho de 2026.

B. RESULTADO OPERACIONAL E RESULTADO FINANCEIRO

Em 2018 e 2019, os dois componentes contribuíam de forma relativamente equilibrada para o resultado líquido. Em 2020, a pandemia distorceu completamente essa relação: o represamento de demanda gerou resultado operacional excepcional de R\$ 26,5 bilhões, o maior da série, enquanto o resultado financeiro recuou para R\$ 4,5 bilhões em razão da queda da taxa Selic [13] ao seu piso histórico de 2% ao ano.

O ciclo seguinte inverteu radicalmente essa dinâmica. Entre 2021 e 2023, o resultado operacional tornou-se persistentemente negativo, acumulando perdas de R\$ 20,3 bilhões no triênio. O setor operou no prejuízo em sua atividade-fim por três anos consecutivos. O que impediu o resultado líquido de ser igualmente negativo foi o resultado financeiro, que cresceu de R\$ 5,8 bilhões em 2021 para R\$ 11,2 bilhões em 2022 e R\$ 12,6 bilhões em 2023, acompanhando a trajetória de alta da Selic. Em 2022 e 2023, o resultado financeiro foi determinante para compensar as perdas operacionais e evitar resultados líquidos ainda mais negativos para o setor.

Gráfico 6. Evolução dos resultados por ano das operadoras médico-hospitalares. Valores reais em R\$ bilhões (base mar/2026, IPCA). Brasil, 2018 ao primeiro trimestre de 2026.



Fonte: ANS - Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Dados extraídos pelo IESS em junho de 2026. Nota: valores anuais acumulados no ano. Para 2026, apenas o primeiro trimestre está disponível.

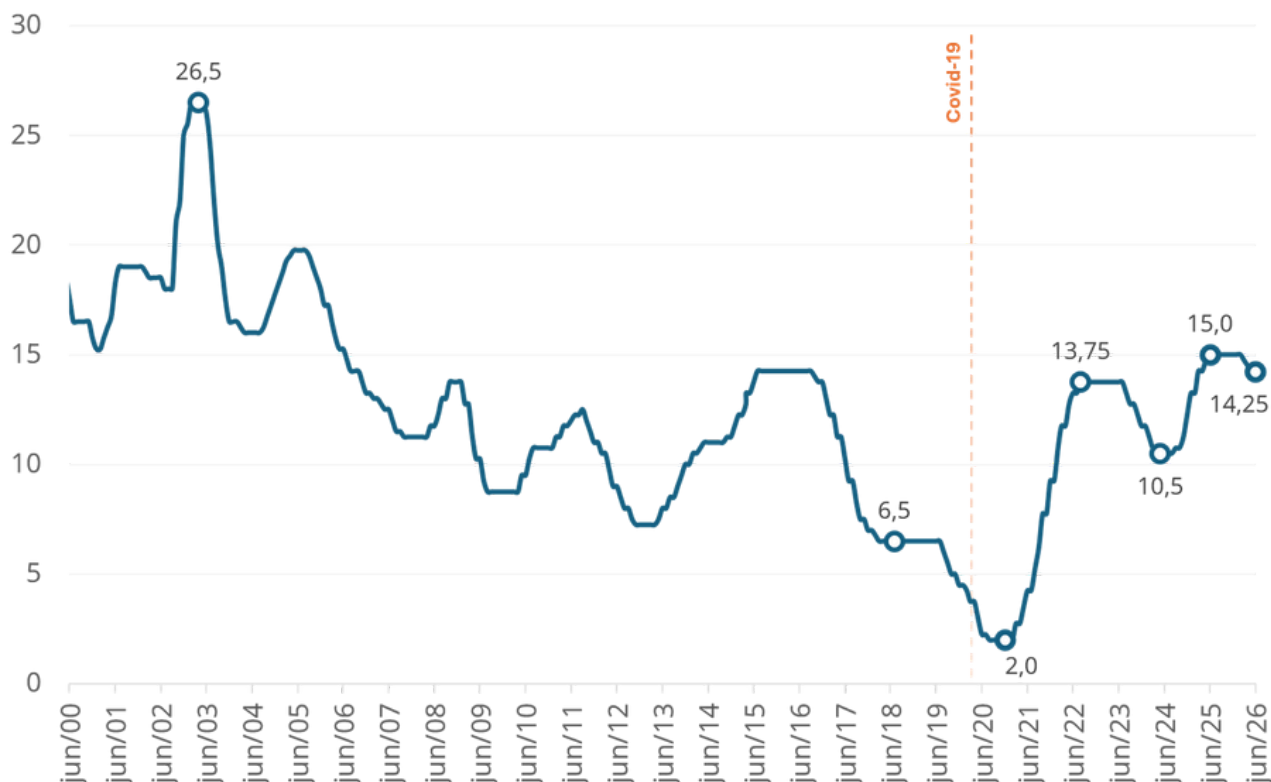
[13] Selic (Sistema Especial de Liquidação e de Custódia): taxa básica de juros da economia brasileira, definida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central. É a referência para o custo do dinheiro no país e influencia diretamente os rendimentos das aplicações financeiras em renda fixa.

A recuperação de 2024 e 2025 combinou os dois componentes de forma mais equilibrada. O resultado operacional voltou ao campo positivo em 2024 (R\$ 4,3 bilhões) e avançou para R\$ 10,1 bilhões em 2025, compatível com a recomposição de contraprestações e da melhora da sinistralidade. O resultado financeiro também cresceu, atingindo R\$ 15,1 bilhões em 2025, o maior valor da série, sustentado pela Selic elevada e pelo crescimento do estoque de aplicações.

No primeiro trimestre de 2026, o resultado operacional foi de R\$ 3,4 bilhões e o financeiro de R\$ 3,6 bilhões, contribuições praticamente equivalentes para o lucro de R\$ 6,0 bilhões. Pela primeira vez desde 2019, os dois componentes disputam em pé de igualdade a composição do lucro em um primeiro trimestre. A diferença relevante é que em 2019 a Selic estava em trajetória de queda e o resultado financeiro era de R\$ 3,3 bilhões; hoje está em R\$ 3,6 bilhões com a taxa em patamar elevado e trajetória incerta.

O Gráfico 7 apresenta a trajetória da taxa Selic desde 2000 e permite contextualizar essa dinâmica. A sobreposição com a série do resultado financeiro não é casual: os dois movimentos guardam relação estreita. Quando a Selic caiu ao piso de 2% ao ano em 2020 e 2021, o resultado financeiro encolheu. Quando o Copom reverteu o ciclo a partir de 2022, elevando a taxa de 2% para 13,75% em menos de dois anos, o resultado financeiro disparou e passou a sustentar o setor em um período de resultado operacional negativo. Em 2025, com a Selic encerrando o ano em 15,00% ao ano, o resultado financeiro atingiu seu pico histórico. Em 2026, três cortes de 0,25 ponto percentual reduziram a taxa para 14,25% ao ano, mas o ciclo enfrenta resistência crescente diante da inflação projetada para o final do ano e do cenário geopolítico instável.



Gráfico 7. Evolução da taxa de juros (Selic). Brasil, junho de 2000 a junho de 2026.

Fonte: Banco Central do Brasil. Dados extraídos pelo IESS em junho de 2026. Nota: A linha pontilhada indica o início da pandemia de Covid-19 no Brasil (março de 2020).

B.1. COMPOSIÇÃO DAS APLICAÇÕES FINANCEIRAS

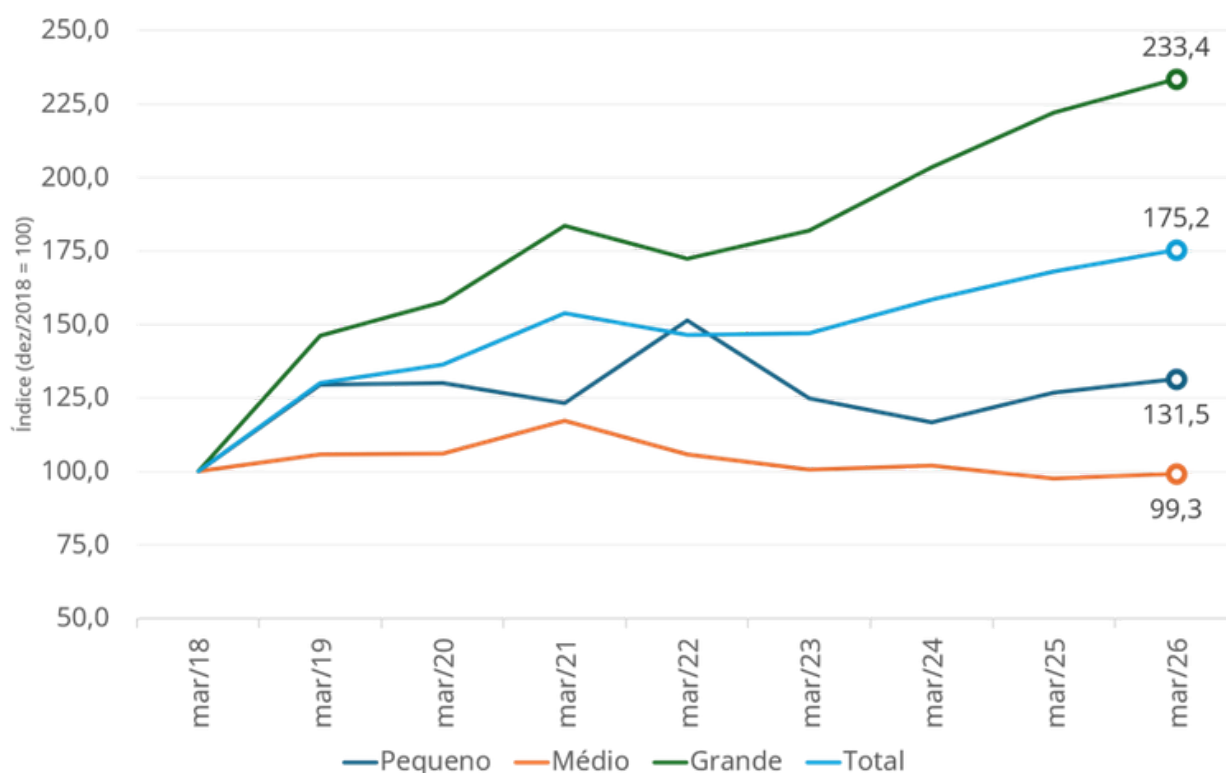
As aplicações financeiras das operadoras médico-hospitalares totalizaram R\$ 140,5 bilhões em valores reais no primeiro trimestre de 2026, o maior nível da série histórica analisada e crescimento de 75% em relação ao estoque real de março de 2018 (R\$ 80,2 bilhões). Esse crescimento não foi linear nem homogêneo: reflete ciclos distintos de acumulação de reservas, concentração crescente por porte e uma mudança estrutural na composição entre aplicações livres e garantidoras.

- **Por porte:**

As grandes operadoras dominam o estoque de aplicações de forma crescente. Em março de 2018, respondiam por 54,2% do total (R\$ 43,5 bilhões). No primeiro trimestre de 2026, essa participação avançou para 72,2% (R\$ 101,5 bilhões). As médias recuaram de 35,8% para 20,3% no mesmo período, e as pequenas permaneceram relativamente estáveis em torno de 7%, encerrando março de 2026 com R\$ 10,5 bilhões.

O Gráfico 8 ilustra essa divergência em índice base 100 a partir de dezembro de 2018. A trajetória das grandes operadoras é de crescimento quase ininterrupto, atingindo índice 233,4 em março de 2026, o que representa mais que o dobro do estoque real de 2018. As pequenas cresceram de forma modesta, chegando a 131,5. As médias são o único grupo com estoque real inferior ao de 2018, encerrando março de 2026 no índice 99,3, praticamente no mesmo patamar de oito anos atrás em termos reais.

Gráfico 8. Evolução real das aplicações financeiras por porte das operadoras médico-hospitalares (índice, dez/2018 = 100 e base mar/2026, IPCA). Brasil, março de 2018 a março de 2026.



Fonte: ANS - Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Dados extraídos pelo IESS em junho de 2026.

C. SINISTRALIDADE

A sinistralidade é o percentual das receitas de contraprestações destinado ao pagamento de despesas assistenciais. É o termômetro do equilíbrio operacional do setor: quando sobe, significa que uma parcela maior de cada real arrecadado está sendo consumida pelo custo da assistência, comprimindo a margem operacional.

Entre 2001 e 2019, a sinistralidade oscilou em torno de uma banda ascendente, saindo de 79,5% para 83,2%, com pico de 85,6% em 2016. A incorporação contínua de tecnologias ao rol de cobertura, o envelhecimento da carteira de beneficiários e a inflação médica estruturalmente superior à inflação geral pressionam progressivamente os custos assistenciais acima do crescimento das receitas.

Em 2020, a pandemia produziu a maior distorção da série: a sinistralidade recuou para 76,2%, mínimo histórico, em razão do represamento de demanda que reduziu artificialmente as despesas assistenciais. A reversão foi igualmente abrupta: em 2021 e 2022, o setor absorveu a demanda reprimida, a sinistralidade saltou para 86,2% e 89,1%, respectivamente, os piores níveis da série histórica excluindo anos pandêmicos.

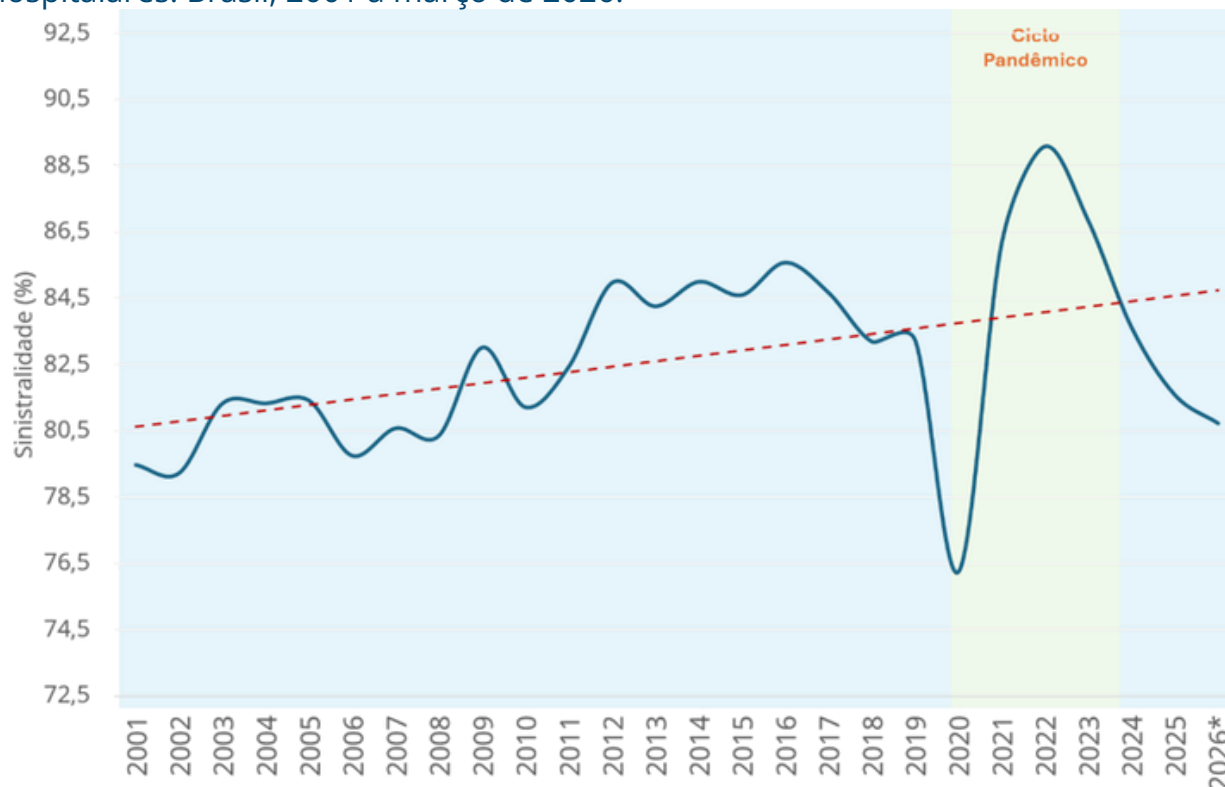
A partir de 2023, o setor retomou a trajetória de melhora. No último trimestre de cada ano, a sinistralidade recuou para 83,5% em 2023, 81,8% em 2024 e 81,2% em 2025, compatível com a recomposição de contraprestações, do ajuste de carteiras e da moderação no ritmo de utilização de serviços. No primeiro trimestre de 2026, o indicador chegou a 81,0%, o segundo menor nível registrado em um primeiro trimestre desde 2020, superado apenas pelo primeiro trimestre de 2025 (79,2%).

Dois aspectos merecem atenção na leitura desse resultado. O primeiro é que a ANS sinalizou que o resultado do primeiro trimestre de 2026 foi influenciado por fatores atípicos, o reconhecimento de provisão técnica voluntária por uma das maiores operadoras e um aporte de mantenedor de operadora de autogestão, que afetaram o denominador do indicador [14].

O segundo aspecto é que a melhora recente, embora real, não reverteu a tendência secular de alta. O ciclo de recomposição de contraprestações que sustentou a melhora de 2023 a 2025 não elimina os vetores estruturais de pressão: a incorporação de novas tecnologias ao rol de cobertura da ANS, o envelhecimento acelerado da carteira e a inflação médica persistente continuam operando.

[14] Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/numeros-do-setor/ans-divulga-dados-economico-financeiros-do-1deg-trimestre-de-2026>

Gráfico 9. Evolução da sinistralidade (%) das operadoras de planos médico-hospitalares. Brasil, 2001 a março de 2026.



Fonte: DIOPS/ANS/MS - 25/05/2026 e FIP - 12/2006. Dados extraídos pelo IESS em junho de 2026. Nota: a linha tracejada vermelha representa a tendência linear de longo prazo, estimada sobre a série 2001 a 2026. O intervalo sombreado indica o ciclo pandêmico de 2020 a 2022. Para 2026, apenas o primeiro trimestre está disponível.

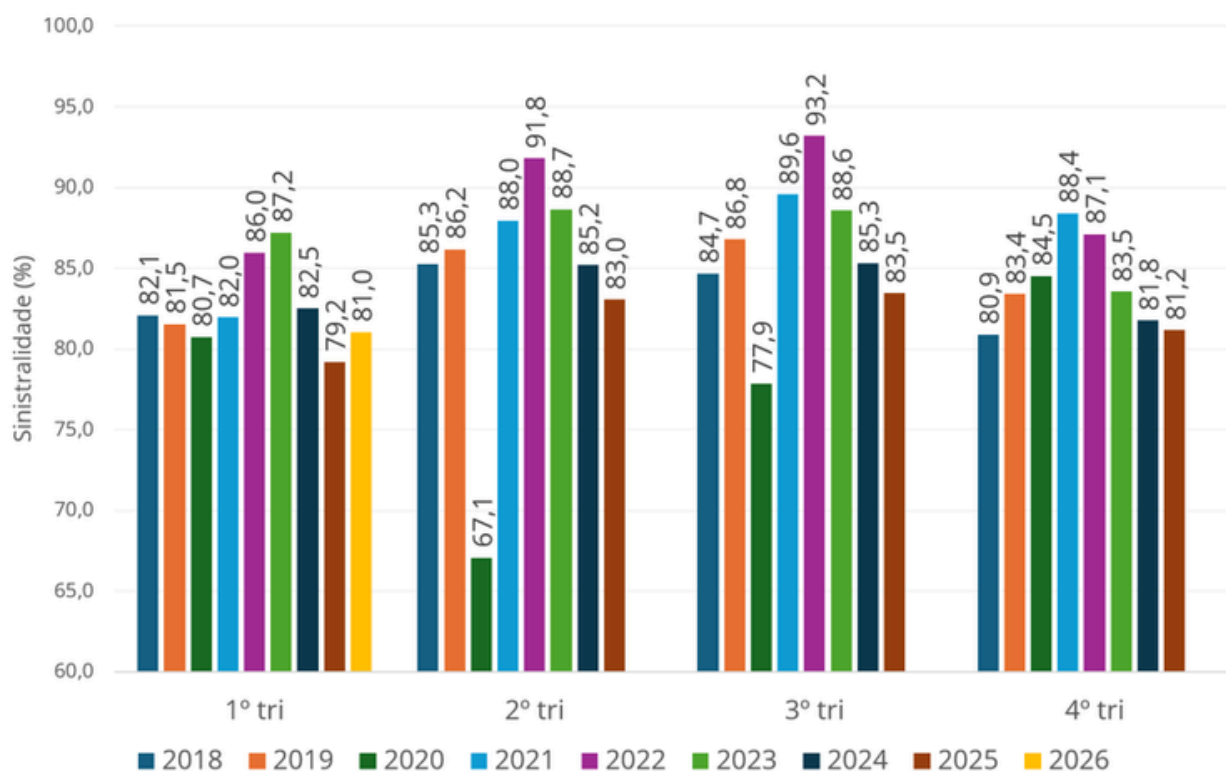
C.1. SAZONALIDADE TRIMESTRAL

A sinistralidade do setor de saúde suplementar apresenta padrão sazonal consistente ao longo dos anos. O primeiro trimestre é sistematicamente o de menor sinistralidade do ano, seguido de elevação nos trimestres intermediários e novo recuo no quarto trimestre. Essa regularidade reflete o comportamento de utilização dos serviços de saúde: o início do ano concentra menor demanda por procedimentos eletivos, enquanto o segundo e o terceiro trimestres acumulam consultas, exames e internações programadas ao longo do exercício.

O Gráfico 10 apresenta a sinistralidade trimestral desde 2018, organizada por trimestre para evidenciar tanto o padrão sazonal quanto a evolução de cada período ao longo dos anos. O padrão sazonal é visível em praticamente todos os anos da série, com exceção de 2020, quando a pandemia distorceu completamente a sazonalidade habitual: o segundo trimestre daquele ano registrou 67,1%, o menor trimestre de toda a série, em razão do fechamento de serviços eletivos e do medo da população em buscar atendimento presencial.

A comparação entre primeiros trimestres é metodologicamente a mais adequada para avaliar o resultado do primeiro trimestre de 2026, justamente por eliminar o efeito sazonal. Nessa base, os 81,0% do primeiro trimestre de 2026 representam o segundo menor nível desde 2018, superado apenas pelos 79,2% do primeiro trimestre de 2025. Comparado à média dos primeiros trimestres do período 2018 a 2024, excluindo 2020, o resultado atual sinaliza que o setor opera em patamar operacional mais favorável do que sua média histórica recente.

Gráfico 10. Sinistralidade (%), no trimestre, das operadoras de assistência médico-hospitalar. Brasil, 2018 a março de 2026.



Fonte: ANS - Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Dados extraídos pelo IESS em junho de 2026. Para 2026, apenas o primeiro trimestre está disponível.



DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O primeiro trimestre de 2026 apresenta um setor de saúde suplementar em posição mais favorável do que a observada entre 2021 e 2023. O resultado líquido de R\$ 6,0 bilhões em valores reais é o segundo melhor primeiro trimestre da série, a margem líquida de 6,1% supera a média de 2018 e 2019, e 78,3% das operadoras encerraram o trimestre com resultado positivo.

A leitura mais cuidadosa dos dados revela, contudo, sinais de moderação. O resultado líquido recuou 16,3% em relação ao primeiro trimestre de 2025 em termos reais. No mesmo período, o resultado operacional cedeu 26,5%, e o resultado financeiro recuou 6,2%. Com R\$ 140,5 bilhões em aplicações financeiras e a trajetória dos juros sob incerteza [15], a dependência estrutural do setor em relação ao resultado financeiro constitui como um fator de risco. O crescimento das aplicações também ocorreu de forma concentrada nas grandes operadoras, ampliando sua capacidade de capturar os efeitos de um ambiente de juros elevados. A história recente ilustra a dimensão desse risco: entre 2021 e 2023, o resultado financeiro foi o único fator que impediu o setor de registrar prejuízo consolidado por três anos consecutivos.

A sinistralidade de 81,0% no primeiro trimestre de 2026 é o segundo menor nível em um primeiro trimestre desde 2020. A melhora, contudo, não reverteu a tendência secular de alta que se estende desde 2001. A desagregação por porte revela dinâmicas opostas no primeiro trimestre de 2026: as grandes operadoras registraram aumento de 2,6 pontos percentuais em relação ao primeiro trimestre de 2025, enquanto as pequenas recuaram 4,5 pontos percentuais, atingindo seu mínimo histórico de 75,1% [16].

O número de operadoras com beneficiários caiu de 1.380 até dezembro de 1999 para 667 em abril de 2026, e aproximadamente uma em cada cinco operadoras ainda encerrou o primeiro trimestre de 2026 com prejuízo.

O primeiro trimestre de 2026 é, em síntese, um bom trimestre em um momento de incerteza. A sustentação dos resultados nos períodos seguintes dependerá tanto do desempenho operacional quanto da trajetória financeira. O IESS continuará acompanhando a evolução do mercado e do setor, e produzirá análises atualizadas à medida que novos dados estiverem disponíveis.

[15] O Copom, na reunião de 17 de junho de 2026, optou por dar continuidade ao ciclo com novo corte para 14,25% ao ano, mas manteve postura cautelosa para os passos seguintes.

[16] Cabe ressaltar, contudo, que a sinistralidade não captura as despesas administrativas, que tendem a ser proporcionalmente mais elevadas nas operadoras de pequeno porte em razão da menor escala. Uma sinistralidade reduzida nesse grupo não necessariamente implica desempenho operacional equivalente ao das grandes operadoras.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR (ANS). Painel Econômico-Financeiro da Saúde Suplementar. Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/numeros-do-setor/ans-divulga-dados-economico-financeiros-do-1deg-trimestre-de-2026> . Acesso em: 9 jun. 2026.

AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR (ANS). ANS Tabnet. Disponível em: <https://www.ans.gov.br/anstabnet/index.htm> . Acesso em: jun. 2026.

AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR (ANS). Caderno de Informação da Saúde Suplementar. Disponível em: <https://www.gov.br/ans/pt-br/acesso-a-informacao/perfil-do-setor/dados-e-indicadores-do-setor> . Acesso em: jun. 2026.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Calculadora do Cidadão. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAOPUBLICO/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores> . Acesso em: jun. 2026.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Boletim Focus. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus> . Acesso em: jun. 2026.

COMITÊ DE POLÍTICA MONETÁRIA (COPOM). Comunicado de decisão: redução da taxa Selic para 14,50% a.a. Brasília: Banco Central do Brasil, 29 abr. 2026. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/21107/nota> .

COMITÊ DE POLÍTICA MONETÁRIA (COPOM). Comunicado de decisão: redução da taxa Selic para 14,25% a.a. Brasília: Banco Central do Brasil, 17 jun. 2026. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/21165/nota> .

INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE SUPLEMENTAR (IESS). Resultados econômico-financeiros das operadoras médico-hospitalares em 2025. Texto de Discussão. São Paulo: IESS, mar. 2026. Disponível em: <https://iess.org.br/biblioteca/tds-estudos/textos-para-discussao/td-120-resultados-economico-financeiros-das>.

Equipe

Superintendente Executivo **DENIZAR VIANNA**

Pesquisador **BRUNO MINAMI**

Pesquisadora **NATALIA LARA**

IESS

***INSTITUTO DE ESTUDOS
DE SAÚDE SUPLEMENTAR***

contato@iess.org.br
www.iess.org.br